

OS PAULISTAS DO SÉCULO XVIII VISTOS POR UM GUARDA-MARINHA FRANCÊS

Odilon Nogueira de MATOS

Os que têm algum conhecimento, por mínimo que seja, de nossa história sabem que no início do século XVIII foi o Rio de Janeiro atacado duas vezes pelos franceses. A primeira, em 1710, por uma pequena esquadra comandada por Duclerc. Esta não levou a melhor, devido à tenaz resistência oposta pelos fluminenses (principalmente os estudantes), o que redundou na morte do próprio Duclerc. Pode-se imaginar como isto ecoou em França. Daí, o apresto de nova expedição no ano seguinte, desta vez mais numerosa e melhor municiada, tendo como comandante o conhecido corsário René Duguay-Trouin, já notabilizado por ações de pirataria em diversos lugares. A vitória dos inimigos foi arrasadora. A cidade foi saqueada e em grande parte incendiada e a população submetida a onerosos tributos.

O Rio de Janeiro não era ainda a capital do Brasil, mas era o porto que servia de escoadouro à produção aurífera das Minas Gerais, além de rica zona produtora de açúcar. Mas, foi impossível aos da terra oporem qualquer resistência, em parte devido à pusilanimidade do governador fluminense Francisco de Castro Morais, e ao atraso com que procedeu de Minas o corpo expedicionário comandado por Antônio da Costa Carvalho. Puderam os invasores retornar tranqüilamente para a França, levando riquíssima presa. Foram essas investidas francesas motivadas por conjuntura da política européia, que colocaram França e Portugal em campos opostos.

Da expedição de Duguay-Trouin há dois relatos preciosos, um do próprio comandante e outro de seu guarda-marinha Du Plessis-Parseau. São textos que se completam, embora ambos cuidem bastante demoradamente dos aspectos militares da "aventura" da Guanabara. O guarda-marinha estendeu-se em considerações sobre o Brasil, um Brasil que ele não conheceu, pois não saíu do Rio de Janeiro. Mas, informou-se bem, como de comum acontecia com outros navegadores europeus que procuravam escrever sobre o país praticamente sem conhecê-lo.

O relato de Duguay-Trouin foi publicado em 1712 (mesmo do regresso à França), “chez Pierre Cot”, em Paris, com o título **Relation de l'expédition de Rio de Janeiro**. Uma edição abreviada relatando apenas a ocupação da cidade, foi impressa no mesmo ano pela “Imprimerie Royale”. E também nas suas *Mémoires*, publicadas na Holanda, em 1730, ocupou-se da invasão da Guanabara. Diga-se de passagem que as memórias do almirante tiveram várias edições no século XVIII (1732, 1740, 1774, 1779), o que é deveras significativo para um livro de tal natureza.

Quanto ao relato de Du Plessis-Parseau, escrito também em 1712, permaneceu inédito, conservado na biblioteca do porto de Brest, até 1885, quando foi publicado em o tomo 95 da “*Révue Maritime et Coloniale*”. Sua narrativa - informa Doneaud du Plan, “conservador” da biblioteca de Brest - “em seus pontos principais concorda exatamente com as memórias de Duguay-Trouin; contém igualmente detalhes da navegação, os costumes e descrições, bem como reflexões pessoais do autor, que constituem o seu interesse particular”.

O primeiro autor a fazer referência ao texto de Du Plessis-Parseau foi o historiador fluminense Vieira Fazenda (1846-1917), que dele se ocupou, embora ligeiramente, em suas **Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro**, tomo 89 da “*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*” (1924). E bem mais tarde (1942) coube ao mesmo sodalício fluminense promover a publicação do texto integral do guarda-marinha, numa excelente tradução do Comandante Adalberto Rechsteiner (*Revista do Instituto*, v. 176, pp. 89-219). O título original do relato é **Jornal histórico ou relação do que se passou de mais memorável na campanha do Rio de Janeiro pela esquadra do Rei comandada por M. Duguay-Trouin em 1711**.

O tradutor teve a feliz idéia de anexar ao relato de Du Plessis-Parseau o de Duguay-Trouin, constante das suas memórias, edição de 1779. Assim, poderá o leitor confrontar os dois textos. Do relato do guarda-marinha utilizou-se a Professora Teresinha de Castro para ilustrar e fundamentar o capítulo sobre as invasões francesas de sua utilíssima **História documental do Brasil** (Rio de Janeiro, Record, 1968, data do prefácio).

A seguir, o tópico sobre os paulistas do relato de Du Plessis-Parseau:

“O que são os paulistas - É preciso saber que estes paulistas são um amontoado ou mistura de todos os povos e raças em que predomina a

portuguesa e que são mais ou menos como os flibusteiros. Há muito tempo que eles se estabeleceram em uma zona do território próximo das minas onde têm uma bela cidade chamada São Paulo, da qual tiram o nome. Sempre reconheceram o rei de Portugal como seu soberano, mas, tendo crescido pouco a pouco, reclamaram quando quiseram dar-lhes governadores, expulsaram-nos e se constituíram, de algum modo, em pequena república que tem como lei fundamental não receber comandante da parte do rei, mas pagar-lhe, não obstante, o quinto do ouro que extraem das minas; e ao que se diz são muito exatos nisso. Este espírito de independência lhes tem acarretado muitas vezes a guerra, que eles têm feito, sem que até ao presente sejam inteiramente livres ou submetidos. Eles não estão afastados do mar, e o porto de Santos no sul da costa é o seu escaudouro; passa por ser muito bom e seguro”.

Quem teria sido o informante do guarda-marinha? É sabido que havia muita gente que não gostava dos paulistas, sempre pronta a maldizê-los. Como, por exemplo, os jesuítas, que guardavam, ainda bem vivas, as tristes recordações das lutas com os moradores do Planalto de Piratininga. Em todo caso, embora com inexactidões, o juízo de Du Plessis-Parseau é bem melhor que o de seu compatriota Froger, que escreveu vinte anos antes e, para quem, São Paulo não passava de um covil de bandidos de todas as nações (“assamblage de brigands de toutes nations”), que viviam sem lei nem rei, não permitindo que pessoa alguma aí chegasse, o que é um tanto contraditório, pois se não permitiam que pessoa alguma aí chegasse, como pôde tornar-se habitado por gente de “toutes nations”?

Expendido seu juízo sobre os paulistas, o guarda-marinha francês, “para acabar com esta espécie de relatório”, procurou dar “uma idéia concisa do reino do Brasil, que por sua extensão e suas riquezas mereceria bem um volume inteiro”. E seguem-se tópicos sobre Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e sobre os primeiros habitantes da terra, concluindo seu relato com a descrição bastante pormenorizada do regresso a Brest, onde chegou a 5 de fevereiro de 1712.

(Transcr. do “Boletim da Academia Paulista de História”, nº 4 e 21 de junho de 1990, pág. 2)